Editora: Ana Paula Macedo
anapaula.df@dabr.com.br
3214-1195 • 3214-1172

ESTADOS UNIDOS

Racha republicano desafia Trump

Rebelião dentro do partido do ex-presidente dificulta a escolha do novo líder da Câmara dos Representantes e enfraquece a influência política do magnata, após lobby por Kevin McCarthy

» RODRIGO CRAVEIRO

Olivier Douliery/AFP



A cadeira do presidente da Câmara é fotografada, vazia, em meio ao mais grave impasse em um século a atingir o Congresso norte-americano

Um impasse histórico para escolher o presidente da Câmara dos Representantes expôs fraturas no Partido Republicano e colocou em xeque a influência de Donald Trump em suas fileiras. Apesar dos apelos do magnata para que os representantes mais ultraconservadores do partido cerrassem apoio a Kevin McCarthy, levando-o ao terceiro cargo mais importante dos Estados Unidos, não houve unanimidade em torno do nome do deputado, depois de seis votações em dois dias.

Pelo menos até meio-dia de hoje (14h em Brasília), a cadeira mais importante da Câmara permanecerá vazia, apesar da maioria republicana e graças a 21 deputados rebeldes, que pendiam a optar pelo nome de Byron Donalds, 44 anos, representante da Flórida. Donalds foi um dos 147 republicanos que defenderam a rejeição aos resultados da eleição presidencial de 2020, segundo o jornal *The New York Times*. O site *The Hill*, no entanto, apontava sinais de progresso nas negociações. Às 22h de ontem (hora de Brasília), os deputados concordaram em adiar uma sétima votação para o início da tarde de hoje. Em 1923, os deputados somente chegaram a um consenso depois de três dias e de nove rodadas de votação.

Na manhã de ontem, ao fim da quarta votação, Trump fez um chamado a todos os republicanos para que apoiassem McCarthy. "É hora de todos os nossos membros republicanos da Câmara votarem em Kevin, fecharem o acordo e alcançarem a vitória", escreveu o ex-presidente, em letras maiúsculas, em sua plataforma Truth Social. "Kevin McCarthy fará um bom trabalho, e talvez até um ótimo trabalho", acrescentou Trump, que temia uma "derrota vergonhosa". De acordo com o jornal *The Washington Post*, quase todos os 21 deputados ultraconservadores que votaram contra McCarthy eram leais ao magnata.

Eu acho...

Arquivo pessoal



"O impasse na Câmara dos Representantes torna os democratas mais fortes, em comparação com a desordem do Partido Republicano aos olhos da mídia e da opinião pública. Mas a Câmara ainda será controlada pelos republicanos, e eles não têm inclinação de cooperar com os democratas. O problema é que os republicanos não podem ou não querem se unir para o bem do partido e da nação."

Gerald C. Wright, professor de ciência política da Universidade de Indiana

A demora na eleição do novo presidente da Câmara compromete o capital político de Trump, que pretende tentar um retorno à Casa Branca nas eleições de 5 de novembro de 2024. Por sua vez, o caos no Capitólio, com a ameaça de paralisação das atividades legislativas, é interpretado como sinal de força do presidente democrata, Joe Biden.

Chip Roy, deputado pelo Texas e um dos 21 republicanos rebeldes, justificou a recusa em apoiar Kevin McCarthy. "Os Estados Unidos querem uma nova cara, uma nova visão, uma nova liderança", comentou.

Poder abalado

Professor de ciência política da Universidade de Indiana, Gerald C. Wright afirmou ao **Correio** que Trump não detém o mesmo controle de antes do Partido Republicano. "Os rebeldes do Caucus da Liberdade não parecem prestes a ceder e a conceder apoio a Kevin McCarthy", comentou, ao citar um grupo de deputados formado oito anos atrás para impulsionar a liderança da Câmara à direita na votação de temas fiscais e sociais.

Para Wright, todas as indicações sugerem que o poder de Trump dentro do partido, pelo menos entre a elite republicana, tem se esvaído. "Nós teremos que ver se ele consegue fazer com que o slogan 'Tornar a América grande novamente' sobreviva entre a massa de republicanos. Meu palpite é que o ex-presidente está perdendo apoio ali também."

O estudioso explicou que os democratas não se mostram tão preocupados com o impasse na Câmara porque os grandes projetos de lei aprovados nos dois primeiros anos de governo Biden serão implementados. "Qualquer presidente da Câmara escolhido terá dificuldades para governar", previu Wright.

UCRÂNIA

Rússia culpa celulares por morte de 89 soldados

A violação de uma norma por parte de soldados russos teria custado a vida de 89 deles, durante ataque supostamente realizado pela Ucrânia na véspera do Ano-Novo, na cidade de Makeyevka, na região de Samara, em Donetsk (leste). "Uma comissão está trabalhando para investigar as circunstâncias do que ocorreu. Mas é óbvio que a principal razão foi o fato de celulares terem sido ligados e usados, de ofrma massiva, pelos militares dentro do alcance de armas inimigas, ao contrário da proibição", declarou o tenente-general russo Sergei Sevryukov. "Foram tomadas as medidas necessárias para evitar trágicos incidentes no futuro. Os responsáveis serão responsabilizados", assegurou.

O Estado-Maior da Ucrânia reivindicou a autoria do bombardeio. Por sua vez, o Departamento de Comunicações Estratégicas do Exército de Kiev apontou um número de vítimas russas bem maior, de cerca de 400 mortos e 300 feridos — números não reconhecidos por Moscou. Esse foi o maior número de vítimas em um único ataque reconhecido por Moscou desde o início de sua ofensiva, em 24 de fevereiro, e se sucede a uma série de derrotas militares. Segundo a imprensa russa, os mortos eram recrutas, ou seja, soldados não profissionais.

O incidente aumentou as críticas ao comando militar da Rússia. No momento em que Moscou enfrenta as repercussões do ataque, o presidente francês, Emmanuel Macron, prometeu ao colega ucraniano, Volodymyr Zelensky, a entrega de tanques de fabricação francesa para ajudar o Exército ucraniano em sua contra-ofensiva.

Impunidade

Até ontem, o número de mortos reconhecido por Moscou era de 63. O anúncio do balanço revisado provocou uma nova onda de críticas ao comando militar russo. Correspondentes e comentaristas da imprensa de Moscou denunciaram a "incompetência" das Forças Armadas. A chefe da rede RT, o braço de propaganda internacional do Kremlin, pediu a publicação dos nomes dos comandantes russos e "suas responsabilidades".

Arden Arkman/AFP)



Moradores de Samara prestam tributo a militares: indignação e dor

"É hora de entender que a impunidade não leva à harmonia social. A impunidade leva a novos crimes. E, consequentemente, à dissidência pública", publicou Margarita Simonian no Telegram. Nas redes sociais, vários russos exigiram uma investigação transparente dos fatos.

Segundo o Exército russo, o ataque foi realizado com sistemas de mísseis HIMARS, um armamento fornecido pelos Estados Unidos à Ucrânia que permite ataques atrás das linhas inimigas. Os correspondentes de guerra russos acusaram os comandantes do país de não aprenderem com seus erros e de transferirem a culpa para os soldados.

Luto

Em um evento incomum na Rússia, onde os poderes públicos costumam manter o silêncio a respeito das baixas militares na Ucrânia, cerca de 200 pessoas se reuniram, anteontem, para homenagear os mortos em Samara (centro), de onde eram originários alguns dos soldados falecidos. "É muito difícil, é assustador. A dor nos une", declarou Ekaterina Kolotovkina, que lidera um grupo de esposas de militares, na cerimônia realizada em uma igreja ortodoxa. O presidente russo, Vladimir Putin, não reagiu publicamente.

IRÃ

Gisoo Faghfoori/Sharghdaily/AFP



Taraneh Alidoosti ganha flores ao deixar a prisão, em Teerã

Atriz é solta sob fiança

Após permanecer três semanas na prisão, acusada de apoiar os protestos contra o regime teocrático islâmico, a atriz iraniana Taraneh Alidoosti — estrela de *Salesman*, filme ganhador do Oscar em 2016 — foi libertada sob fiança. Ela estava detida desde 17 de dezembro por avalizar, em publicações no instagram, as manifestações desencadeadas pela morte de Mahsa Amini, uma iraniana de origem curda de 22 anos, que foi espancada pela polícia da moralidade, em 16 de setembro.

Taraneh, 38 anos, foi fotografada com um buquê de flores nas mãos, ao lado de amigos e familiares, ao deixar a prisão de Evin, em Teerã. Ela não ostentava o *hijab* (véu islâmico), que tornou-se o principal motivo dos protestos que se espalharam pelo país ao longo de quase quatro meses. A libertação da atriz tinha sido anunciada no Instagram por Nadere Hakim Elani, mãe de Taraneh Alidoosti.

Asghar Farhadi, diretor de cinema iraniano, uniu-se ao coro de artistas que exigiam a soltura de Taraneh. Ele também exigiu que as autoridades iranianas libertem os cineastas Jafar Panahi e Mohammad Rasoulof, por entender que o único crimes deles é "querer uma vida melhor".

A pressão de centenas de nomes da indústria cinematográfica mundial teria sido fundamental para que Taraneh ganhasse a liberdade. Os atores Emma Thompson, Penélope Cruz, Kate Winslet, Ian McKellen e os diretores Ken Loach, Pedro Almodóvar e Mike Leigh estão entre os cerca de 500 trabalhadores e personalidades da indústria que assinaram uma carta aberta exigindo a libertação da estrela iraniana.

A atriz é a personalidade de maior destaque presa pelo regime em conexão com o levante civil que sacode o Irã. Advogados, jornalistas e ativistas também foram detidos.

Charges

O Irã avisou à França que reagirá, depois da publicação pelo jornal satírico francês *Charlie Hebdo* de charges que considerou "insultantes" sobre Ali Khamenei, líder supremo iraniano. O semanário publicou dezenas de ilustrações que representam a personalidade religiosa e política mais importante do país asiático. As caricaturas tinham sido selecionadas em um concurso lançado em dezembro devido à onda de protestos no Irã, desencadeada após a morte de Mahsa Amini.

"O ato insultante e indecente de uma publicação francesa de difundir caricaturas contra a autoridade religiosa e política não ficará sem uma resposta efetiva e firme", declarou o ministro das Relações Exteriores iraniano, Hossein Amir-Abdollahian, no Twitter. "Não permitiremos que o governo francês cruze a linha. Definitivamente, escolheu o caminho errado."